

O Destino e os Limites da Astrologia Preditiva

Copyright Clélia Romano 2009

Muito do que está contido neste artigo não é estranho aos estudantes de Robert Zoller. A partir do posicionamento deste autor e inspirada por suas palavras, desenvolvi algumas idéias próprias sobre o tema acima, que considero instigante..

Fica aqui empenhada minha admiração pela vastidão enciclopédica e pela profundidade de conhecimento de Robert Zoller em assuntos esotéricos assim como astrológicos, históricos e humanísticos.

Sou muito grata às circunstâncias cósmicas que colocaram em minha vida um erudito de seu calibre, profundamente dedicado à transmissão de seus ensinamentos.

É uma pena que a chama divina que inspira a mente desse grande mestre esteja atualmente obscurecida pela doença que atingiu seu corpo, já há alguns anos.

Robert Zoller é um Professor verdadeiro e a astrologia tradicional empalideceu depois que a doença calou a voz de uma das mais brilhantes mentes de nosso tempo.

Destino e Livre Arbítrio

Este não é um artigo fácil de escrever.

Ele supõe como premissa um grande tabu, isto é, que o ser humano é deterministicamente governado, sendo seu livre arbítrio ilusório.

Depois de quase cinqüenta anos, vejo-me falando do mesmo assunto.

A primeira vez que o fiz, foi diante de meus pares e professores, em meus tempos de colégio, num curso de Oratória. Naquela época, baseei-me nas idéias de Sigmund Freud e defendi a

tese que privilegiava o determinismo sobre o livre arbítrio, visto ser o homem ignorante do contido de seu próprio inconsciente.

O resultado de minhas idéias foi bombástico: recebi nota zero, perdi a vaga no curso e minha tese foi derrotada em prol de quem defendia o livre arbítrio. Não que tivessem argumentos melhores, mas defendiam o pensamento dominante, aquele que alivia a angustia existencial da impotência humana, fornecendo alguma esperança de controle dos acontecimentos.

Em certo momento de sua obra, Freud diz que o ser humano viveu três grandes decepções no último milênio: a primeira decepção foi cosmológica, quando Galileu disse que o sol não se movia em volta da terra, mas sim, a terra revolia em volta do sol. A segunda ocorreu com as descobertas de Darwin de que o homem vinha de uma cadeia evolutiva e não tinha sido sumariamente criado por Deus. E a terceira decepção, de acordo com Freud, foi quando este autor afirmou que o homem era inconsciente da maior parte de sua vida psíquica, isto é, não era senhor nem mesmo de sua própria mente.

Eu mesma sou um exemplo de alguém que percorreu a cadeia evolutiva desde a crença absoluta de que a vida era um resultado biológico, até a psicologia clínica e afinal até a astrologia tradicional, passando pela psicanálise e pela astrologia moderna, até que esta última decepcionou-me como instrumento preditivo. Busquei então a astrologia tradicional, especialmente a Medieval, eminentemente preditiva e determinística.

Nem por um momento deixei de ser a mesma pessoa e, apesar de ter feito um caminho mais longo, cheguei à mesma conclusão do início. O ser humano não muda intrinsecamente e é determinado pelo seu mapa de nascimento, é o que pretendo mostrar nesse artigo.

A posição da Astrologia Medieval em relação ao Destino e ao Livre Arbítrio

Segundo a definição de Robert Zoller, a astrologia Medieval é o mais alto desenvolvimento da ciência astrológica depois de suas origens no Egito Helenístico e antes de seu declínio no século 17.

Ela é a aplicação prática das idéias Neoplatônicas e da filosofia Hermética. Tais idéias são a sabedoria verdadeira, o conhecimento superior do princípio eterno que jaz por trás das coisas. A transmissão desse conhecimento é, em si mesma, uma Iniciação.

Firmicus Mathernus, autor do século IV DC, afirma que o estudo da astrologia beira a Religião e o respeito pelo Divino.

Conhecer em profundidade os princípios astrológicos, que são eternos, é aproximar-se das relações com o divino, com o Logos manifesto no mundo.

É possível que a iniciação dos antigos nos mistérios dos céus tenha vindo por inspiração do próprio céu, sob a forma de imagens mentais e “insights” que ocorreram em momentos astrológicos propícios. Essas experiências mentais foram atribuídas a deuses visíveis (planetas e estrelas) a Hermes (mensageiro dos deuses) ou mesmo a Deus.

Em grego, a palavra *angelos* significa mensageiro e as mensagens recebidas pelos primeiros observadores foi uma Iniciação.

Algumas dessas observações têm mais de 4000 anos de idade, como demonstram as Tabuas encontradas na Babilônia, hoje no Museu Britânico.

Concebemos que o cosmos, o ordenado mundo em que vivemos, é governado por leis que operam com matemática precisão. Tais leis fazem parte de uma lei maior, a Vontade de Deus ou simplesmente **Lei**.

A astrologia esotérica dos antigos diz que, olhando para o céu, somos iniciados no mistério da existência, nas leis macrocósmicas da criação e no conhecimento de nosso próprio EU.

Tal conhecimento, tanto interior como macrocósmico, é ao mesmo tempo científico e místico. Conhecendo as leis da criação aprendemos as leis científicas e também as leis que subjazem ao suceder dos eventos que ocorrem em nossa vida, porque tudo advém da mesma fonte.

Segundo Platão, tanto na *Republica* como em seu *Epinomis*, nossa mente só pode refletir a sabedoria inferior, pois a sabedoria ideal não pode ser apreendida pelos sentidos. Mas, diz ele, estudando os céus, podemos perceber que existem Leis e Princípios Eternos.

Cada pessoa nasceu num corpo físico e com uma configuração natal própria, o que a torna, de um lado, capaz de expressar como nenhuma outra aquela configuração e, de outro lado, incapaz de expressar mais do que aquilo que sua carta natal lhe permite.

Isso é verdadeiro desde a simples concepção de nosso corpo, o qual nos vincula a determinado gênero, fornecendo-nos força ou debilidade, saúde ou doença, maior ou menor aptidão mental para isso ou aquilo, etc. Tudo isso é descrito em nosso mapa de nascimento, que é a chave de nossas potencialidades e limites. O fato de estarmos contidos num corpo físico nos torna previsíveis.

De acordo com Platão, os planetas são mais que seu corpo físico, e esse além, seu “**esse**”, sua essência, não pode ser captado a não ser pelos resultados físicos.

A previsibilidade ocorre a tudo que está contido na matéria, inclusive aos planetas, que também estão contidos na matéria: por isso, também eles são previsíveis e podemos saber em tal ou qual local estarão dentro 20, 100, 500 anos.

Tal corporificação atua possibilitando a astrologia preditiva e por outro lado é um importante limite para nosso conhecimento.

A Previsibilidade Humana

A vida de nosso corpo é regulada pelo nosso horóscopo do nascimento até a morte. Somos sujeitos a leis físicas, temos necessidades de abrigo, de alimento e outros inúmeros desejos.

Vivemos sob a Necessidade e somos limitados pelas leis naturais e humanas, tais como a cultura em que nascemos, o gênero ao qual pertencemos, a família e a fé religiosa na qual fomos criados. Conforme o tempo passa, somos limitados e previsíveis também pela idade que alcançamos.

Além disso, dependendo da classe social, da raça, do nível sócio cultural em que nascemos, determinadas oportunidades serão oferecidas ou negadas.

O filho de um nobre, na época medieval, podia aspirar ao título de rei, enquanto que o filho de um servo, nascido no quarto ao lado no mesmo instante dificilmente sairia da posição de camponês.

Tais circunstâncias acima citadas não são meramente astrológicas, mas tem de grande importância para o astrólogo, que não deve ignorá-las quando fizer previsões.

Quanto aos limites sociais, a astrologia pode prever se um nativo vai evoluir a partir de seu status de nascimento, ou ao contrário, perder o que possuía ao nascer. Vemos em Ptolomeu algumas regras sobre o “rank” da fama: se é esperado que o nativo vá elevar-se acima da adversidade de seu nascimento e obter fortuna, ou ao contrário, se vai decair. O Liber Hermetis também tem material nesse sentido, isto é, se o nativo vai manter seu nível ou perder sua herança e morrer na miséria.

Ora, ambas as situações são vistas na carta de nascimento, através da configuração natal. O momento de nascimento de uma coisa ou objeto confere a ele qualidades impares e um destino próprio.

Nós temos então nosso próprio destino, o destino da sociedade na qual nascemos (família, clã, cidade e religião) e finalmente, mas não menos importante, temos o destino que nos acorrenta à Humanidade.

Na literatura esotérica especialmente em Pymander (vide Corpus Hermeticum) aprendemos que, enquanto corporificados, estamos sob o poder que rege os astros e nosso destino.

De fato, a astrologia Medieval não acredita que haja mudança na natureza de um ser humano. Quem propõe a crença em coisas do tipo “o poder do pensamento positivo”, raramente estudou a vida das pessoas o suficiente para saber se uma mudança de natureza de fato ocorreu, isto é se pensar positivamente realmente provoca mudanças. As mudanças que ocorrem são previsíveis pelo desenvolvimento do mapa de nascimento e estão contidas nele.

A única mudança possível é através da Iluminação. Ao nos tornarmos menos preocupados com os fatos concretos e mais conscientes de que somos algo mais além deles, algo paralelo a eles, manteremos nossa mente à margem dos fatos concretos, nos tornaremos mais sábios e menos acorrentados aos desejos e à Necessidade, também chamada pelos Gregos de Ignorância.

Mas até a Iluminação precisa estar prevista em nossa configuração astrológica natal. Ninguém se torna iluminado porque decide, da mesma maneira que não se torna engenheiro quem não possui determinado tipo de predisposição intelectual.

Por mais que escolhamos o momento astrológico correto para iniciarmos certa atividade, seu êxito depende de nossa carta natal, que vem antes de tudo e tem prioridade sobre o resto.

Começar uma empresa na hora propícia é bom, mas de nada adiantará se você não for um empresário.

Por outro lado, se acreditarmos que o homem tem liberdade de escolha, pergunto-lhes por que nesse caso não o escolhe um parceiro melhor, um corpo diferente, uma vida financeira privilegiada?

Aliás, se fossemos livres para mudar nosso destino de acordo com nossa vontade, dado a inconstância de nossos desejos, mudaria mos tudo com tal freqüência que não seríamos mais reconhecidos.

Afinal, somos conhecidos pelo que dizemos, pela forma como nos comportamos, por nossa aparência. Se não formos consistentes, seremos estranhos a todos e todos nos serão estranhos também.

Não seríamos confiáveis e não confiaríamos em ninguém. Não fosse nosso caráter imutável, sequer seríamos amados, pois não seríamos reconhecidos.

Tal consistência é dada pela configuração de nossa carta de nascimento. Nosso caráter não muda, nem nosso destino.

Nosso EU assiste o maquinário cósmico atuar, nada mais.

A utilidade da Astrologia

Como diz Ptolomeu em seu Tetrabiblos, saber que vem o inverno nos prepara para ele.

Mas, talvez a melhor dádiva que se obtêm através da astrologia seja a percepção de que os fatos desafiadores, compensadores, dolorosos ou felizes de nossa vida, não ocorrem ao acaso.

A Iluminação acontece quando vislumbramos que nossa existência não é um fato aleatório, que existe lógica e harmonia por trás do aparente caos dos acontecimentos.

A astrologia eleva a alma além de seu físico e da realidade manifesta, eleva-a até a Dignificação, até a sabedoria.

Permite que nos conheçamos e perdoemos nossos fracassos e que também que não nos vangloriemos de nossos êxitos, porque tudo isso, simplesmente... não somos nós, não é o nosso "esse": nossa história e a de nossos semelhantes é o fruto do maquinário cósmico atuando sobre toda matéria.

De certa forma é apaziguador saber que, se não temos o poder, algo ou alguém o tem, e o manipula com mais inteligência, poder e harmonia do que sequer possamos imaginar. Astros não se chocam nos céus por longos milênios, uma obra de engenharia difícil de comparar a qualquer outra construída pelo engenho humano.

É difícil praticar astrologia ou conviver com ela sem acreditar, ao menos por dedução, num Logos matemático e harmônico que podemos chamar Deus.

Tudo isso traz paz de espírito, coisa que é muito valiosa para quem vive sob o jugo do mundo material, do barulho caótico dos sentidos, enfim para quem vive no mundo sujeito à Necessidade.

Por que os Astrólogos podem falhar?

Temos regras astrológicas construídas através de centenas de anos e devemos ser versados nelas ao ponto de conseguir transmitir em linguagem usual o símbolo dos planetas nos signos e suas configurações, tendo em mente que, ao formular uma sentença, devemos cuidar para que ela tenha sujeito, verbo e predicado. Isso não é coisa simples, mas pode ser aprendida.

Como quem monta um quebra cabeças, vamos enunciar frase após frase, até ter algum discurso a oferecer a nossos clientes.

No entanto, muitas vezes, apesar de todos os estudos e cuidados, erramos em nossa predição, ou resvalamos no acerto. E o mais estranho é que, ao sabermos disso, vemos que a predição que não fizemos cabia perfeitamente na carta! Por que não a enunciamos?

Em minha experiência, a astrologia tradicional é mais eficiente e nos dá muito mais segurança preditiva que a astrologia moderna, mas nenhum método astrológico é 100% acurado porque a vida é multifacetada e é impossível decifrar todas as possibilidades condensadas num único símbolo.

Somos limitados ao nosso corpo e mente de tal forma que o astrólogo é o elo mais frágil entre a lei do Cosmos, cujos sinais ele vai interpretar, e o nativo.

Analisarei a seguir alguns fatores que propiciam o erro:

1- A regras astrológicas tradicionais foram testadas até o século 17: não sabemos ao certo como elas se comportam em nossos dias no que diz respeito a alguns fatos entre eles a “pièce de résistance” da astrologia antiga, nomeadamente a previsão da quantidade de anos de vida.

A Humanidade também tem um mapa natal, o qual evolui e se desenvolve (não necessariamente para melhor). Tal evolução tornou a estimativa de vida em alguns países muito mais elevada do que no passado.

Um fator de erro freqüente é que não sabemos quantos anos a mais devemos somar à estimativa do número de anos dados pelo Alchocoden.¹ Devemos nesse aspecto ser muito cautelosos, pois é preciso recuperar o atraso de quase 4 séculos de falta de desenvolvimento astrológico tradicional, até que tenhamos certeza de atualizar a sabedoria dos antigos.

Estudei inúmeros casos em que o sujeito é mantido vivo graças aos progressos da medicina, mas quase em estado vegetativo, para tormento dos familiares.

Estes por vezes perguntam ao astrólogo quanto tempo ainda resta a seus seres queridos. Francamente, não há como responder, pois a vida física tornou-se um simulacro e já não representa a mesma coisa que representava para os antigos.

Outros nativos, com poderosos testemunhos de vitalidade, chegam à velhice adiantada e a seguir apresentam problemas que no passado seriam insuperáveis e conduziram à morte. A medicina os ajuda e observamos que o nativo supera a doença, mesmo com algumas limitações, e continua praticamente normal por muitos anos, às vezes mais de uma década.

É inevitável perceber que levam uma vida muitíssimo limitada e desafortunada, porém.

Talvez devamos fazer uma diferenciação entre o que é “Vida” e “Quase-Vida”.

Vemos nativos que pertencem à terceira e até à segunda “differentia”, que não tem um Hyleg e um Alchocoden (vide nota de fim), e atualmente conseguem sobreviver, embora levando uma vida extremamente triste e limitada.

Faltam estudos sérios visando moldar as regras de nossos antepassados à realidade atual.

Portanto, o astrólogo tradicional pode falhar em determinadas previsões porque o “background” da civilização atual é outro. Há um descompasso entre a sabedoria do século 17 e o homem de nossos dias e isso pode ser um fator determinante de erro.

2- A astrologia tradicional foi ressuscitada há relativamente pouco tempo. Embora R. Zoller já estivesse interessado nela nos anos 70, somente nos anos 90 do século passado começaram as traduções para o Inglês das obras em Grego e Latim. Muito se perdeu, muito estava fragmentário, muito material era revelado boca a boca e atualmente é irrecuperável..

¹ Mais informação para Hyleg e Alchocoden consultar http://www.astrologiamedieval.com/Hyleg_Alchocoden.htm

O astrólogo tradicional ocidental está andando às cegas, recolhendo os objetos espalhados pelo chão, depois de séculos de poeira e teias de aranha terem pousado sobre a sabedoria dos antigos. Ainda somos poucos e há um grande trabalho de reconstrução e desenvolvimento pela frente.

É preciso colocar em prática a sabedoria tradicional e separar o joio do trigo. Provavelmente há certas técnicas que não são úteis e devem ser abandonadas em prol de outras.

Concluimos que ainda não compilamos ou traduzimos o que restou. Além disso, ainda não chegamos a um entendimento sobre métodos contraditórios, tais como as triplicidades de acordo com Dorotheus que diferem das de Ptolomeu, os termos de acordo com os Egípcios e de acordo com Ptolomeu. Seguimos um ou outro, que propiciam resultados diferentes, sem saber exatamente a verdadeira razão de nossa escolha ou em que exatamente se baseavam tais diferenças.

Há muitas incertezas quanto à técnica, em resumo.

Estamos no começo: aliás, no recomeço.

3-Outro fator que propicia o erro é não conhecermos o background do objeto de estudo. O cliente não disserta sua vida antes de nos consultar.

Ao contrário, ele a esconde, temeroso que, ao invés de ler o mapa, nos utilizemos de suas informações para dar uma resposta plausível e ganharmos algum dinheiro à custa da credulidade alheia. A que ponto chegou a má fama da astrologia e a desconfiança a respeito do astrólogo após 4 séculos de cartesianismo!

Acontece-me por vezes começar e terminar um estudo astrológico sobre certo nativo a respeito do qual nada sabia, a não sua idade e gênero. Isto é negativo para a correta predição e a torna mais passível de erro, pois como vimos há a relatividade da cultura, do status social, matrimonial, etc. que devem ser levados em conta. Como prever o que exatamente ocorrerá a uma criança em determinado dia se não formos informados que ela estava a brincar com seus amigos e a bola caiu entre os arbustos?

Se não tivermos essa base para limitar as especulações pertinentes jamais poderemos adivinhar se tal criança sofreu um ataque de um adulto, se houve uma colisão automobilística, se teve febre, se sofreu uma queda, etc.

O que acontece ao nativo em determinado momento é o resultado de diversas ações contidas numa linha de tempo(e fatos) à qual o astrólogo não tem acesso. Daí que devemos nos munir do maior número possível de informações, não para a delineação, mas para emitir previsões pertinentes.

4- Vamos agora tratar de uma limitação puramente humana: o astrólogo não consegue levantar todas as hipóteses possíveis para determinado símbolo e configuração.

Se o fizesse temeria talvez que sua leitura se tornasse extremamente vaga. Por exemplo, dizer que existem dez possibilidades de acontecimentos soaria mais como desinformação que como informação.

Neste caso, o astrólogo teme ser tomado por inseguro, quando na verdade os sinais astrológicos freqüentemente podem ser traduzidos por múltiplas e por vezes controversas palavras.

Para analisar algo, acabamos por estreitar nossa mente a fim de que possamos trabalhar com poucas hipóteses: a análise é a dissecação, e a dissecação destrói o todo, o conjunto, retalhando-o, mumificando o que é vivo, espontâneo e cheio de surpresas.

No entanto, é essa a forma humana de raciocinar. Levar em conta múltiplos fatores ao mesmo tempo, ser o advogado do diabo de cada uma de nossas próprias hipóteses seria muito árduo e penoso para a mente.

Aqui chegamos a nossa limitação mental e física. O corpóreo vai pela lei do mínimo esforço e quando andamos às cegas acabamos por dar uma resposta plausível embora não visível.

Assim, nos aproximamos da verdade de forma abstrata. Afinal, uma parede é uma parede, só não podemos adivinhar a qual quarto pertence.

Assim, é freqüente não delinear os fatos com precisão. Aliás, é espantoso que não erremos mais quando temos infinitas variáveis e escolhemos apenas uma ou duas.

Certa vez tive meu próprio mapa analisado, quando estava preocupada com a configuração astrológica que ocorreria durante uma viagem.

A astróloga usou meu mapa natal. Em 1985, não se falava em astrologia horária, pelo menos no Brasil.

Á maneira moderna ela observou os trânsitos e progressões e levantou cerca de dez possibilidades sobre o que poderia ocorrer e concluiu: tudo isso pode acontecer, e talvez mais alguma coisa que no momento não me ocorre!

A meu ver ela foi uma excelente astróloga só pelo fato de ter levantado tantas possibilidades. Posso dizer que de maneira simbólica todas elas ocorreram!

Conclusão

A multidão incalculável de variáveis produzida pelo mecanismo cósmico em funcionamento, pela Fortuna e pela Providência são fatos divinos não avaliados pela mente humana.

Além disso, embora a astrologia seja uma forma de iluminação, uma vez que nos permite entrever o funcionamento do Zodíaco, do Arquétipo, da Lei Maior, de Hermamene, da

harmonia matemática, apreendemos apenas que tal mecanismo existe, mas seus motivos e planos não nos são revelados.

Lemos os sinais contidos numa carta astrológica, sabemos com muita certeza se não negativos ou positivos para a vida, mas não conhecemos o futuro até o momento em que ele se manifeste.

Somos como crianças prisioneiras numa noite escura: olhamos por as grades e vislumbramos ao longe as luzes de um palácio iluminado, mas não sabemos o que se passa lá dentro.

Tal palácio é o céu que nos rodeia, o Jardim do Éden do qual, segundo o Genesis, fomos expulsos por causa de nossa carne. Somos os anjos caídos, os filhos de Deus Pai, o Cristo cósmico, contido na cruz da matéria que aponta para os quatro ângulos do mapa, ou seja :o corpo físico, representado pelo Ascendente, nossos parceiros e inimigos, a Sétima Casa, nossos chefes e o trabalho com o qual ganhamos o pão com o suor de nosso rosto, a Décima Casa e os pais e antepassados dos quais viemos, nosso berço e o fim de nosso destino humano, a Quarta Casa.

A tal cruz estamos acorrentados e por tal limitação somos previsíveis, ainda que a astrologia não delimite cada um de nossos atos, porque ela também é praticada por seres humanos, tão limitados em sua humanidade como qualquer um de nós.

Clelia Romano, DMA

